

Trabalho docente diante da Pandemia: problematizando desigualdades econômicas, de gênero e socioespaciais.

RESUMO

O artigo analisa as diferentes perspectivas que as escolas brasileiras enfrentaram na crise histórica da pandemia da COVID-19. Situando-se especificamente em dois eixos: Macapá e Uruguaiana. E segmentos: escolas municipais e estaduais. Apresentando desta maneira, as diferenças nas dificuldades de acesso a equipamentos, aos estudantes, no desenvolvimento de conteúdo das disciplinas trabalhadas, assim como questões de gênero e saúde dos docentes entrevistados. Deste modo, a partir dos dados estatísticos desenvolvidos, identificaram-se quantitativamente as diferenças de participação no que se refere às classes sociais, segmentos regionais e de modalidades de ensino. Realizamos também, uma análise qualitativa sobre desafios no período remoto e impactos da Pandemia na rotina feminina. Utilizando-se de ferramentas como a Análise de Conteúdo de Bardin e nuvem de palavras. Em destaque, os dados foram coletados anonimamente no formato online e presencial com perguntas fechadas e abertas. Os resultados revelaram que há diversas razões que interferiram no trabalho docente diante da pandemia, como a influência econômica, da sociedade (quando se retrata a questão de gênero) ou de referências socioespaciais. Desta maneira, a seguinte pesquisa buscou dar voz ao trabalho docente acerca dos problemas enfrentados em distintos tipos de desigualdades no ensino brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho docente. Pandemia. Desigualdades.

ABSTRACT

The article analyzes the different perspectives that Brazilian schools faced during the historic crisis of the COVID-19 pandemic. It focuses specifically on two areas: Macapá and Uruguaiana. And segments: municipal and state schools. In this way, it presents the differences in difficulties in accessing equipment, students, developing content for the subjects taught, as well as gender and health issues among the teachers interviewed. Thus, based on the statistical data developed, quantitative differences in participation were identified in terms of social classes, regional segments, and teaching modalities. We also conducted a qualitative analysis of challenges during the remote period and the impacts of the pandemic on women's routines. Tools such as Bardin's Content Analysis and word clouds were used. Notably, the data was collected anonymously in online and face-to-face formats with closed and open questions. The results revealed that there are several reasons that interfered with teaching work in the face of the pandemic, such as economic influence, society (when it comes to gender issues), or socio-spatial references. Thus, the following research sought to give voice to teaching work regarding the problems faced in different types of inequalities in Brazilian education.

KEYWORDS: Teaching work. Pandemic. Inequalities.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o campo educacional tem sido marcado por debates constantes, que apesar dos avanços graduais, foi profundamente impactado pela chegada da pandemia, evidenciando assim as disparidades históricas presentes no ensino brasileiro. Diante do distanciamento social, professores tiveram que reformular o modo de ensinar seus alunos, impactando as condições de seu efetivo exercício. Deste modo, o artigo analisa as diferentes problemáticas enfrentadas pelos professores, como as transformações na rotina, as diferenças entre os espaços educacionais e as desigualdades sociais intensificadas durante o ensino remoto.

Autores discutem as condições do trabalho docente em meio a pandemia, e em pesquisa feita pelo **Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente (GESTRADO)** em parceria com a **Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE)**, observaram-se diferenças crescentes neste cenário, como: na formação docente para tecnologias digitais que é distribuída de maneira desigual entre escolas estaduais e municipais.

Da mesma forma que há desigualdade de acesso entre os estudantes, onde se pontua a necessidade de não só os educadores terem acesso, como também é primordial que os discentes também o tenham. Isto que por sinal muito se correlaciona ao apresentado por (BOURDIEU, 1980), onde cita que o capital social também opera em um mecanismo de distinção social, contribuindo assim para privilegiar os interesses de uma classe em específico.

Esse cenário se intensifica quando é comparado às localizações das escolas analisadas. Quando se retrata especificamente tal contraste em zonas periféricas, observa-se fragilidades relacionadas a problemas sociais e econômicos. Essas fragilidades se apresentam como déficits estruturais que tornam o ensino desvalorizado, conforme direciona PAIVA (2018). Ainda segundo o texto referido, a inexistência de políticas que buscam valorizar os educadores, têm como consequência o deslocamento desses profissionais que acabam saindo de escolas afastadas do centro em busca de novas oportunidades em espaços mais benéficos ao seu trabalho.

Diante disto, Adrião e Domiciano (2020) destacam um importante ponto: o uso de plataformas digitais no ensino apresenta acessos e programas diferentes, o que evidenciam desigualdades sobretudo observadas em locais distantes com alunos e professores mais pobres. Enfatizando que não basta ter o acesso gratuito, o Estado deve assegurar um suporte para tal efetivação, como banda larga, equipamentos e condições que atendam as escolas públicas juntamente com seus componentes.

Aliás, o uso de novas tecnologias, como plataformas, smartphones, tablets, notebooks e equivalentes, que por sinal são ferramentas monetizáveis, e processos subordinados com estratégias para geração de lucros (ADRIÃO; DOMICIANO, 2020), evidenciam como a educação também é uma mercadoria em tempos de pandemia, onde o capitalismo antigo se beneficia da situação e se renova em um novo termo chamado atualmente de capitalismo digital. Onde Maués (2019), consolida essa

discussão destacando como a educação é construída para servir aos interesses do capital e não para as necessidades sociais.

Além disso, sob a percepção dos profissionais, nos estudos referidos estes descrevem que em comparação ao ensino presencial, as aulas a distância exigem muito mais (GESTRADO, 2020), como: reuniões, pesquisas, aulas, preparação de materiais, suporte para tirar dúvidas, dentre outros aspectos que acabam gerando dessa maneira mais horas de trabalho atrelados a tensões e sobrecargas. Ressaltando que nesse contexto a qual os professores vêm sendo expostos a atividades intensas de trabalho que vem colaborando para um adoecimento precoce, como citados posteriormente por Pontes e Rostas (2020 apud BARROS 2019); o que em período de pandemia isso se tornou um agravante, tendo em vista as condições a que estão sendo impostos pela nova forma de ensino remoto.

Falando de uma maneira geral, os profissionais da educação ganharam cargas extras de um trabalho com mais horas, dentro de um ambiente antes de descanso devido a pandemia. Além de outros fatores que envolvem os bastidores do trabalho remoto, como o aumento da conta de luz, manutenção dos equipamentos utilizados no serviço digital, dentre outros aspectos (PONTES E ROSTAS, 2020).

Já o trabalho docente no que se refere ao gênero feminino, sofreu impactos marcantes também. Segundo resultados de uma pesquisa feita por Pessoa; Moura; Farias (2021) se destacou que o cenário pandêmico implicou na acentuação da divisão desigual em relação aos gêneros no que diz respeito aos papéis sociais. Isto significa, que apesar de homens e mulheres estarem inseridos no mercado de trabalho atualmente, o gênero feminino ainda sofre em várias funções dos segmentos da pirâmide social. Mulheres assumiram uma jornada maior considerando o foco entre filhos, casamento, cuidar da casa, de si, e hoje em dia do trabalho no mesmo ambiente. As entrevistadas de uma investigação feita pelas autoras ressaltaram ainda que haja possíveis ajudas nas atividades mencionadas, como cuidar do lar e dos filhos, estas tarefas são destinadas naturalmente ao gênero feminino (Pessoa; Moura; Farias, 2021). Mostrando que há uma desproporção no que rege o comportamento social até o momento.

Assim sendo, neste trabalho trataremos de analisar as diferentes perspectivas que as escolas brasileiras convivem. Se por um lado o maior acesso a instrumentos digitais torna o ensino melhor, o aprendizado destas metodologias adiciona uma carga de trabalho aos docentes. Expondo as diferenças nas dificuldades de acesso a equipamentos digitais, dificuldades em conciliar o cuidado da casa, família e autocuidado com o exercício das tarefas, dificuldades em desenvolver o conteúdo da disciplina e insegurança emocional para o desempenho destas atividades. Situando-se em dois eixos: Macapá e Uruguaiana. E segmentos: escolas municipais e estaduais. Com a finalidade de debater de forma qualitativa e quantitativa os dados observados e construídos acerca do tema.

REFERENCIAL TEÓRICO

No debate acerca das desigualdades educacionais existentes na sociedade contemporânea. Torna-se primordial destacar que o acesso entre as tecnologias indicadas também se dá de forma desigual. Isto

se correlaciona muito ao apresentado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu que em suas análises cita o termo “capital” em suas diversas dimensões, seja cultural, econômica e social.

A princípio, o capital social incorpora neste estudo verdadeiro sentido, quando se cita sua operação como um mecanismo de distinção social, contribuindo assim para privilegiar os interesses de uma classe específica. Para prosseguir neste debate cabe retomar também o conceito intitulado de “capital cultural” criado por Pierre Bourdieu em suas observações na reprodução social, onde conforme o autor cita:

Conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 28 apud BODART, 2010).

Salienta-se que, o capital cultural, indicado anteriormente, está inteiramente ligado a outros tipos como o capital social e econômico. E tudo isso se relaciona com as instituições escolares à medida que se reconhecem os privilégios sociais (oportunidades desiguais) e a evidência de realidades cotidianas distintas entre indivíduos (NOGUEIRA,2010).

Vale ressaltar ainda que o capital cultural inserido em nossa sociedade capitalista moderna, opera de forma desigual entre a população reproduzindo conseqüentemente moldes de uma dominação cíclica. E com as tecnologias não é diferente à medida que com a pandemia, seu uso evidenciou a reprodução destas diferenças sociais. Logo, podemos inferir que o acesso digital pode ser também interligado ao capital cultural, onde Silva (2021) enfatiza:

Neste sentido, o acesso digital pode ser considerado uma moeda desigual, pois dá privilégios diversos para poucos, podendo funcionar como um elemento distintivo central para que se ordene e reordene dominações e posições no campo do saber institucionalizado. O capital cultural objetivado no acesso a bens digitais tende a funcionar como um recurso social, fonte de distinção e poder. Ele pode se tornar um elemento de diferenciação social que permitiria o acesso a percursos escolares diferenciados (SILVA, 2021, p. 284)

Portanto, o impacto de fenômenos como a pandemia são maiores em setores de capital cultural menos tecnológicos. Devido ao conjunto de recursos em matéria de cultura serem mais escassos aos dominados e disponíveis aos mais dominantes. Este que por sinal está integralmente ligado ao capital cultural em seu estado objetivado, que configura a posse de bens materiais (NOGUEIRA,2010). Que representam a cultura dominante (exemplo neste aspecto: acesso à internet, uso de smartphones, tablets e/ou computadores). Logo, o objeto deste tópico também abre a possibilidade de investigar em detalhes mais sobre a importância de recursos tecnológicos, como se representa a seguir.

Antes como ensino presencial, nos dias que se recorreram como ensino remoto, a novidade deste intitulado “novo normal” foi o emprego de plataformas tecnológicas para a conexão educativa. Mas será que essa novidade foi de fácil manuseio ou um desafio para professores efetivarem suas aulas?

Levando-se em conta a interrupção inesperada da Educação, o uso de novas tecnologias digitais se tornou um centro de debate acerca de sua efetividade em aulas escolares a distância. Existindo

também desigualdades em termos, como Vieira e Cardoso (2020) abordam: “É importante frisar, logo nesse primeiro momento, que a disponibilização de ferramentas online para a realização de atividades não presenciais distancia-se do conceito de **Educação a Distância (EAD)**”.

Tais distinções partem de conceitos isolados entre si, à medida que a **Educação a Distância (EAD)**, trata-se de uma modalidade educacional regulada por legislação específica (MEC, 2018). Iniciada bem antes da disseminação mundial da pandemia. Enquanto, o Ensino apresentado no contexto pandêmico, denominado de **Ensino Remoto Emergencial (ERE)** foi assumido de forma provisória devido ao distanciamento temporário entre professores e alunos. Tais impedimentos desenvolvidos por decretos implementados para a impossibilidade de visitas em instituições de ensino evitando assim a disseminação do agente infeccioso (UFRGS, 2020).

Neste mesmo contexto elenca as dificuldades perante os recursos tecnológicos na educação. Dados levantados em uma pesquisa feita pelo **Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente (GESTRADO)** em parceria com a **Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE)**. Observaram-se os níveis de dificuldades de professores de escolas públicas em todo o país de utilizar tecnologias digitais como recursos didáticos. O levantamento analisou as etapas do ensino básico, onde os resultados apresentaram que as dificuldades em utilizá-las são similares entre as etapas analisadas.

Isso significa que apenas (28,9%) dos entrevistados possuem facilidade em manusear as ferramentas digitais (GESTRADO, 2020). Isso mostra que este é um problema presente em um grau acentuado, tal como, na mesma investigação é apresentado que a formação para tecnologias digitais ainda é distribuída de maneira desigual entre escolas estaduais e municipais. Evidenciando haver problemas de despreparo, sem planejamento específico e falta de recursos para a realização do ensino remoto.

Nesta mesma pesquisa, observa-se a distinção entre os níveis de ensino. Tal e qual, as dificuldades para o acesso às aulas citadas pelos profissionais da Educação. Como, sendo: acompanhar com recursos necessários, a falta de autonomia para compreender os conteúdos e a falta de mediação necessária entre famílias para garantir a execução de atividades propostas. Situação que vale enfatizar novamente, acaba sendo mais difícil para famílias sem espaços de socialização e/ou famílias carentes sem acesso aos recursos, distantes consequentemente de centros valorizados na cidade.

Já em observações recorrentes no convívio familiar, percebeu-se que os desafios para professoras cresceram especificamente no contexto pandêmico. Visto que, suas jornadas duplas, que antes se destinavam à escola e ao lar, se juntaram em um mesmo local: suas residências. O que ocasionou em uma jornada maior atrelada a um período de ansiedade e estresse. Devido ao sobrepeso que estas carregam, como no foco entre filhos, casamento, cuidar da casa e do trabalho no mesmo ambiente. Uma vez que o tempo de serviço se une ao tempo de descanso e lazer dessas profissionais. Muito disso,

advindo da naturalização da construção de papéis sociais de gênero, que colocam a mulher no centro das organizações associadas aos filhos e ao lar.

Nesse sentido, o conceito de Feminismo Matricêntrico se relaciona a este contexto sobre as reivindicações quanto às questões de gênero. À medida que a ideia criada pela pesquisadora canadense Andrea O'Reilly, objetiva estudos maternos que perpassam para outras pesquisadoras a sua conceituação:

Nesse sentido, o feminismo matricêntrico propõe debates acerca de conquistas de direitos equitativos entre mulheres e homens, que reivindica uma nova lógica social, que valorize as práticas de maternagem e todos os trabalhos de cuidados tanto quanto o trabalho remunerado (LEMES, 2021, p. 13).

Isto é, a base do Feminismo Matricêntrico é dar voz ao feminismo das mães, na ressignificação do “ser” e na reivindicação de seus direitos. Neste aspecto, este processo atua também no combate a um modelo social arcaico pautado em desigualdades, limitações e construções hierárquicas entre o feminino e o masculino.

Atualmente, em um estudo realizado por Pessoa, Moura e Farias (2021), mulheres indicaram e reafirmaram o debate. Expressando que apesar de possuírem ajuda de pessoas como rede de apoio, a maternidade acaba sendo concentrada no gênero feminino. Contudo, outro aspecto importante a ser debatido neste estudo é sobre a retomada de algumas atividades em meio ao contexto atual.

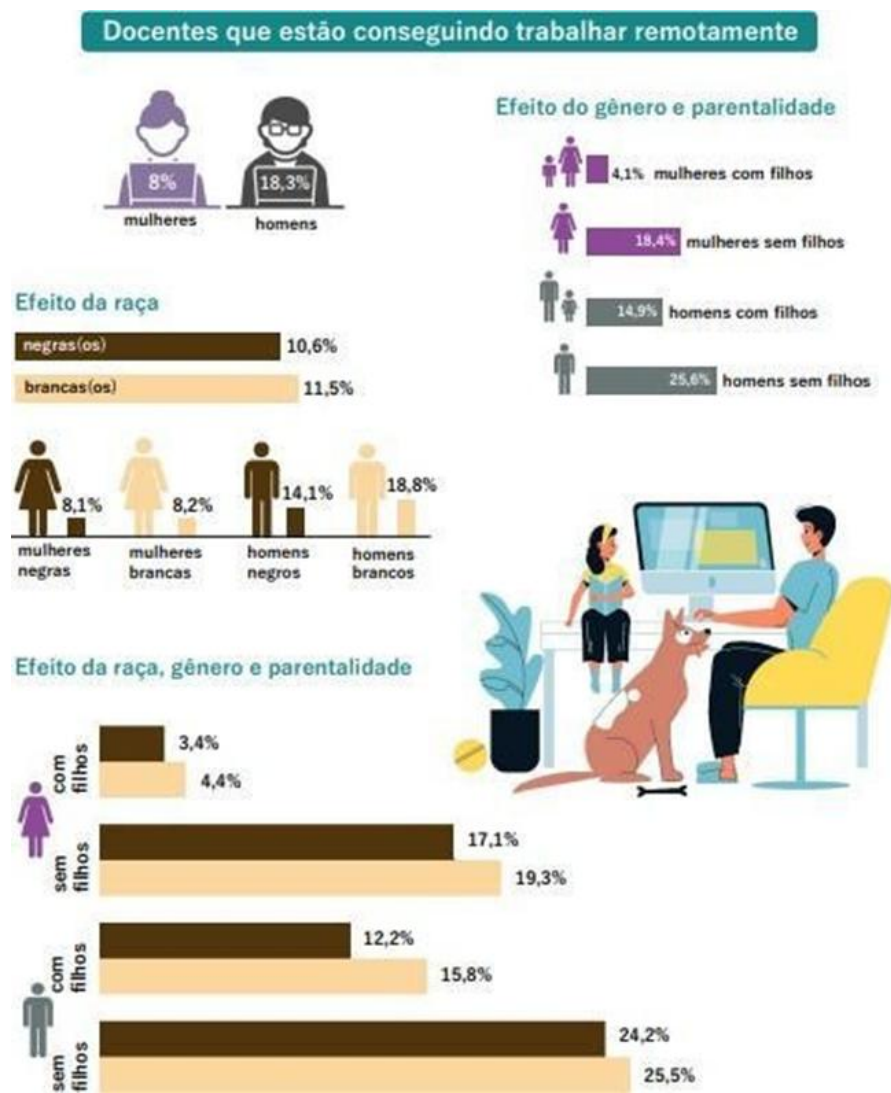
As entrevistadas, professoras da rede federal do Estado do Ceará, ressaltaram a abertura de um novo leque de oportunidades. Onde podem dispor de exercícios físicos, mobilidade a certos locais e até mesmo a construção de ambientes de lazer virtual, como bate-papos, palestras em meios digitais e cursos livres. O que pode proporcionar momentos de leveza entre reflexões e folgas, resultando assim no bem-estar tanto físico como mental das trabalhadoras.

Diante do exposto, pesquisadoras e docentes de Instituições de Ensino Superior do Brasil também observaram em suas rotinas, o acúmulo e sobrecarga ao longo da pandemia. Em levantamento realizado pelo movimento chamado “Parent in Science”, durante o primeiro semestre de 2020, evidenciam-se os efeitos do isolamento social na rotina acadêmica feminina.

Desse modo, o estudo nomeado “Produtividade Acadêmica Durante a Pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade” apresenta os efeitos da COVID-19 como fator direto no desequilíbrio de raças e classes dentro de instituições. Um aspecto importante neste contexto é ressaltar o modo como a prestação de serviços denominada trabalho remoto sofreu ascensão.

Na **Figura 1**, por exemplo, observam-se diversos cenários do trabalho docente na pandemia realizado remotamente, um aspecto também interessante e significativo da imagem é o destaque entre divisões por gêneros, raças e parentalidade. Discutiremos a seguir cada aspecto da ilustração indo da esquerda para a direita, e assim sucessivamente.

Figura 1 – Docentes do Ensino Superior e Trabalho remoto



Fonte: Parent in Science (2020).

A primeira situação observada é a relação quanto à realização do trabalho remoto, a sua efetiva realização aponta que os homens possuem destaque maior (18,3%) do que as mulheres (8%). Isto é, as mulheres sofreram maior impacto na produtividade durante a pandemia. Tais resultados são pautados em diversos fatores estudados até aqui na literatura, como: sobrecarga de tarefas diárias, cultura pouco inclusiva sobre os papéis de gênero e dificuldades de conciliar funções.

O quadro posterior, aponta o efeito de gênero e parentalidade (ou aquele que possui responsabilidades parentais). A pesquisa indica que homens (25,6%) e mulheres (18,4%) que não possuem filhos conseguem realizar um melhor gerenciamento no trabalho. Contudo, mulheres que possuem filhos apresentam uma porcentagem significativa e desfavorável no cenário (4,1%), reafirmando o que foi debatido anteriormente, destacando a desigualdade e a sobrecarga feminina observada e debatida historicamente.

A partir dos dados levantados, outro aspecto apontado é quanto a raça. Onde negros possuem menores porcentagens do que brancos. Destacando conseqüentemente a vulnerabilidade que possuem no mercado de trabalho nos dois últimos quadros analisados. Relacionando, assim: efeitos de raça (10,6%) e efeito de raça, gênero e parentalidade (3,4%), (17,1%), (12,2%) e (24,2%). Essa “invisibilidade” dos

trabalhadores negros também resultam desigualdades de acesso e permanência a empregos, assim como dificuldade na progressão na carreira e evidentes desigualdades salariais.

Nota-se ainda, que este debate tem atualmente ocupado espaço muito relevante nos meios de comunicação, sejam pelo pré, durante e pós-pandemia. E pesquisas como essa direcionadas aos professores podem contribuir para estudos recentes, investigações e a formação de novas políticas educacionais no ensino remoto. Tendo em vista sua adequação e continuidade para a melhoria nas condições de serviços desses profissionais e conseqüentemente de seus alunos.

Este debate também evidencia e envolve novas problemáticas acerca do trabalho de professores em escolas de diversos segmentos. Como exemplos, a presente precarização da educação, de recursos tecnológicos, distanciamento entre relações sociais e o adoecimento físico e mental. Contextos estes observados no processo de desenvolvimento da pesquisa.

Ressalta-se que a Pandemia levou o mundo a uma crise sanitária e humanitária, sendo discutível a níveis não só internacionais, nacionais como também regionais. Objeto este, sugestivamente estudado em panoramas locais, como capitais, onde se observa ser válido empregar estudos que mostrem a precarização do trabalho e da educação. Assim como a desigualdade estrutural perdurando em escolas situadas em zonas distintas.

Inclusive em leituras realizadas, mostram que as diferenças que não são somente de hoje, à vista que a pandemia as evidenciou. Estão dispostas de maneiras diversificadas de desigualdades sejam elas: tanto sociais quanto econômicas. Como também entre escolas, segmentos estaduais e municipais, localizações, tipos de suportes, etapas do ensino básico e assim por diante. Mostrando que a educação vem de tratamentos desiguais para realidades também desiguais.

A esse respeito, Silva (2012) fornece informações do termo que causa impactos negativos à sociedade. Onde este destaca que a desigualdade social é um fenômeno de má distribuição que separa entre grupos as massas, afetando deste modo, setores há anos. Essas discussões chegam até mesmo ao direito à educação, distribuída de forma não homogênea para a população.

Para autores, como Durkheim (2011 apud García; Yannouls, 2017), a educação não é entregue igualmente quando se trata do espaço e camada social. Isto é, o processo educativo da classe burguesa situada normalmente em áreas privilegiadas das cidades é muito diferente da classe operária localizada quase sempre em regiões periféricas. Sendo um problema estrutural ininterrupto que atinge principalmente as parcelas mais pobres da população nacional.

Segundo dados levantados pelo IBGE (2019), verificaram-se progressos nos índices educacionais de 2016 e ano seguinte a 2017. Entretanto, as diferenças resistem a níveis territoriais, em que o Norte e Nordeste, possuem a taxa de analfabetismo superior comparada aos demais. No que se refere a gênero: onde mulheres avançam mais no processo de escolarização do que os homens.

Quanto à cor e raça: onde pessoas brancas possuem melhores resultados educacionais do que pessoas que se consideram pretas ou pardas. Assim, cabe ao coletivo promover um debate que possa ajudar a educação a superar tais problemáticas citadas anteriormente, assim dizendo com superação das adversidades e melhora na qualidade de ensino.

Vale ainda evidenciar que os desafios da pandemia no setor de Educação diferiram, à proporção que a estrutura social impacta diretamente, sendo adotadas diversas medidas entre países distintos. Conforme o sítio eletrônico Exame redigido pelo Estadão Conteúdo Exame (2021) aponta que países considerados “modelos” quando se trata de melhores desempenhos e investimentos obtiveram um retorno mais rápido e efetivo do que países com evidente fragilidade para desenvolvimento no setor. O Brasil como exemplificado teve retorno tardio e casos de adiamentos no decorrer do quadro pandêmico.

Ademais, lugares com melhor educação superaram os desafios com mais possibilidades e recursos diversificados (VIEIRA; CARDOSO, 2020). Como no caso da China que por possuir uma estrutura poderosa de tecnologia adotou sistemas de atividades online assim como plataformas de aprendizagem. Em Portugal, outro exemplo, optou-se por projetos que aliassem transmissões de aulas por agrupamentos em programações diárias. Bem como se observaram a priorização em reaberturas e alternativas para o andamento do calendário escolar.

Vale reforçar que apesar dos desafios e fragilidades presentes no contexto brasileiro e da ausência de uma política de enfrentamento, Estados se organizaram e se empenharam de diversas formas e buscaram alternativas para o processo emergencial, como o caso de Santa Catarina, citado na investigação:

por conta disso, outra ação impetrada pela Secretaria da Educação de Santa Catarina, com o intuito de reduzir a desigualdade no atendimento aos estudantes, é a disponibilização de atividades impressas, pelas escolas, a serem buscadas pelos pais e desenvolvidas pelos estudantes que não possuem acesso à internet, fato este bastante evidente nas regiões interioranas e em alguns casos, até em regiões litorâneas. Outro mecanismo disponibilizado aos pais e estudantes foi um canal de atendimento 0800, a partir do qual é possível dirimir dúvidas acerca do regime especial de atividades durante o período da pandemia. (VIEIRA; CARDOSO, 2020, p. 2)

Outro aspecto importante de ser frisado quanto ao levantamento citado, é com respeito a comunicação gerada entre a comunidade escolar. A participação e integração do coletivo foi essencial para proporcionar uma comunicação mais homogênea e dialogada que permitiu a geração de diversas ideias para andamento e sucesso de reaberturas de escolas.

Ao fazermos um levantamento bibliográfico sobre a temática proposta na Literatura, observamos recorrentes divisões quanto ao pesquisado, isto é, estudos a nível internacional, tais como focados em países específicos. Como no caso de impactos da pandemia na educação brasileira, onde Koslinski e Bartholo (2022) apresentam em suas análises os efeitos da pandemia focalizado no contexto brasileiro.

Por outro lado, também há estudos com foco em investigações em estados e municípios brasileiros. Por exemplo, a pesquisa destinada à educação no campo em tempos de pandemia no município de Riacho de Santana, Bahia. Em que Moreira e Santos (2022) refletem sobre o novo formato educacional na específica modalidade, apresentando as consequências nas escolas estudadas.

Tal como há pesquisas separadas no estado e cidade que são objetos desta pesquisa. De maneira destacada no artigo “Juventude: Impacto do Covid -19 na Educação e as Estratégias para o Ensino não

Presencial no Amapá” de Almeida, Sanses e Rocha (2022). E o artigo “A pandemia na educação: vivências de professores da educação básica de Uruguaiiana” de Garcia e Silva (2022).

Identificamos ainda elementos que investigam espaços distintos, mas a nível regionais vizinhos e entre estados. Como o titulado “A pandemia de 2020, no estado do Amapá, Alagoas e Tocantins: desafios e aprendizados no ensino remoto” de Rodrigues et al. (2021).

Todavia, não foram achados durante o levantamento, estudos que fizessem um contraste entre cidades e regiões como o levantamento proposto desta pesquisa. Visando comparar localizações de processos de desenvolvimentos culturais, econômicos e sociais distintos. Estas diferentes orientações, a propósito, acabam potencializando um confronto de manifestações ímpares e específicas. Que são a base do conhecimento e que podem resultar em novas informações posteriormente essenciais para resolução de problemáticas e tomadas de decisões.

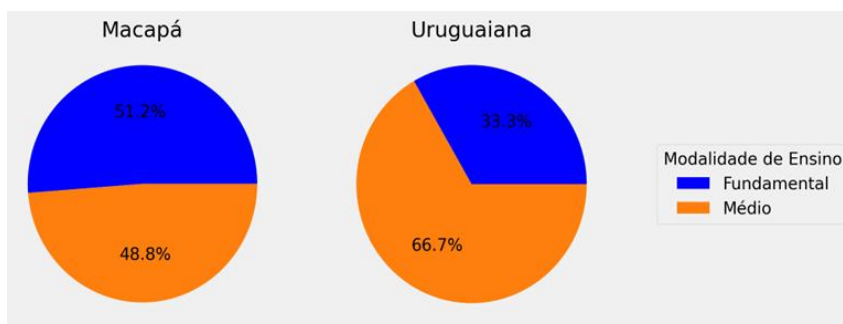
Logo, este estudo busca analisar cidades em situações bem distintas no país, dada as suas regionalidades, mas semelhantes em tamanho populacional. Compreendendo assim um estudo originário em desigualdades socioespaciais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na primeira etapa, realizou-se uma análise quantitativa no ambiente de ensino no qual estão inseridos os professores e alunos. Foram considerados as modalidades das escolas participantes, redes de ensino em que os docentes lecionam, áreas de conhecimento dos entrevistados, localizações das escolas e panoramas no ensino pandêmico.

A princípio, como ilustra a **Figura 2**, Macapá teve uma participação equânime e equilibrada, possuindo maior participação na modalidade de ensino fundamental (51,2%), já Uruguaiiana, teve o maior alcance no nível de ensino médio representando por (66,7%). Válido ressaltar que um aspecto interessante durante as análises foi a respeito da participação feminina (sendo aproximadamente 51 mulheres do total de 80 entrevistados) que se sobressai com relação a masculina. Segundo Moraes (2020), as mulheres possuem a maior participação em pesquisas apoiadas por agências de fomento, como por exemplo, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Maranhão (FAPEMA).

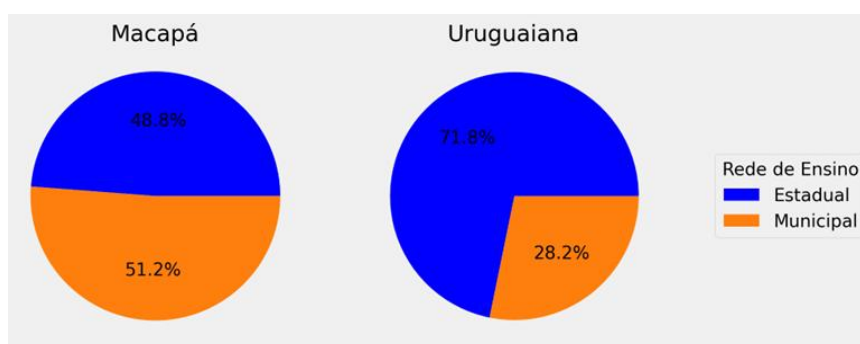
Figura 2 – Modalidade de Ensino



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Foi analisado então as redes de ensino (**Figura 3**), depreende-se que a rede estadual tem um papel significativo nos gráficos apresentados a seguir, sendo devido ao quantitativo maior de docentes nestas escolas. À vista disso, seguindo as informações significativas: a escola Estadual de Uruguaiana possui 70 professores, enquanto que a Municipal analisada possui somente 58 professores. Em relação a Macapá, ainda segundo os dados, a estadual observada possui 50 professores, enquanto que a municipal possui apenas 32 docentes.

Figura 3 – Redes de Ensino

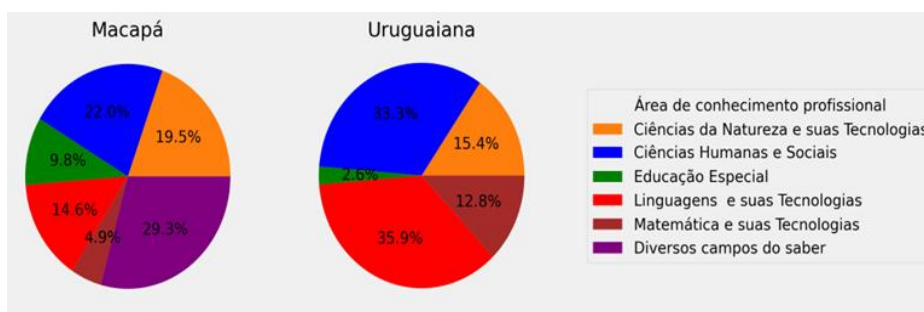


Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Observa-se a influência das redes de ensino na área de conhecimento profissional dos professores participantes. Em Macapá (**Figura 4**), a maior participação ocorreu na modalidade de ensino fundamental inicial, sendo o destaque para “Diversos campos do saber” com (29,3%), visto que lecionar em anos iniciais resulta em sua grande maioria em professores trabalhando com diferentes áreas do conhecimento. Enquanto que, Uruguaiana, também situada na mesma figura, obteve maior levantamento no ensino médio, sendo o destaque para Linguagem e suas tecnologias com (35,9%). Mobilizando e abarcando conhecimentos em matérias como Língua Portuguesa, Artes, Inglês/Espanhol e Literatura. Áreas que realmente se relacionam com os níveis de ensino abordados e participantes.

Vale ressaltar que por serem níveis de educação básica distintos, isso influencia nos resultados expostos, uma vez que em Macapá a maior participação foi em “Diversos campos do saber” de nível do ensino fundamental. Enquanto que em Uruguaiana, as escolas participantes, não tinham tal nível e se centralizaram em maior destaque para o ensino médio.

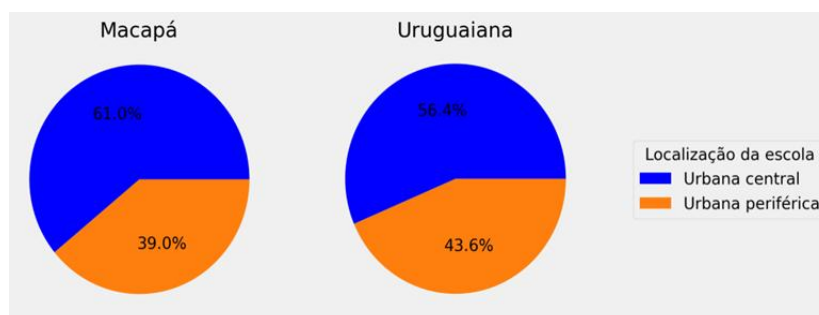
Figura 4 – Área de conhecimento profissional



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Observa-se na **Figura 5**, que tanto em uma cidade quanto em outra, a zona urbana central se sobressaiu, todavia, avista-se a falta de suporte mesmo nessa localização citada anteriormente, enfatizando que não basta ter o acesso gratuito (considerando que as escolas analisadas em sua totalidade são públicas), o Estado deve assegurar um suporte para tal efetivação, como banda larga, equipamentos e condições que atendam e se adequem as escolas públicas juntamente com seus componentes.

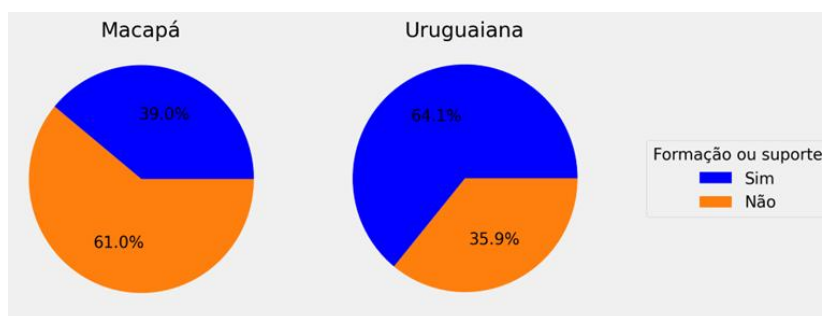
Figura 5 – Localização das escolas



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Observa-se, na **Figura 6**, que a formação docente ainda é distribuída de maneira desigual, no que se refere ao espaço geográfico regional (foco de estudo: Norte e Sul). Em Macapá, a maioria dos docentes (61%) afirmaram que não tiveram suporte, e que conciliaram individualmente. Já em Uruguaiiana, (64.1%) afirmaram que tiveram sim formação. Confirmando o que já havia sido estudado em referências anteriores, como a pesquisa feita pelo GESTRADO no qual se apresentaram diferenças crescentes, na pandemia, como: a formação docente para tecnologias digitais que ainda é distribuída de forma desigual. Implicando posteriormente em um maior cansaço daqueles que tiveram uma efetiva formação e exigências das instruções.

Figura 6 – Formação e/ou suporte durante o período remoto

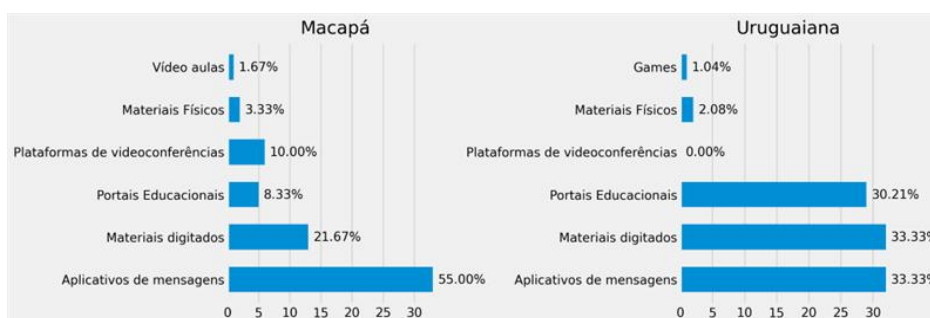


Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Na **Figura 7**, se apresenta as ferramentas utilizadas para desenvolvimento de aulas remotas, de antemão podemos observar a falta de diversidade de recursos que se evidenciaram mais no Norte do que no Sul, isto é, professores de Uruguaiiana indicaram mais opções de ferramentas para desenvolvimento de suas aulas do que em Macapá (que teve concentração maior na opção “Aplicativos de mensagens”). Infere-se que seja devido a falta de formação de novas tecnologias na cidade nortista. Resultando assim em uma crescente adesão a plataformas educacionais no Sul, reafirmando assim o seu maior desenvolvimento em comparação a região Norte.

Destaca-se ainda que os dados são indicados no eixo das abcissas por quantidades de professores que selecionaram as opções indicadas, enquanto que ao lado das barras, temos as representações em porcentagens das informações coletadas.

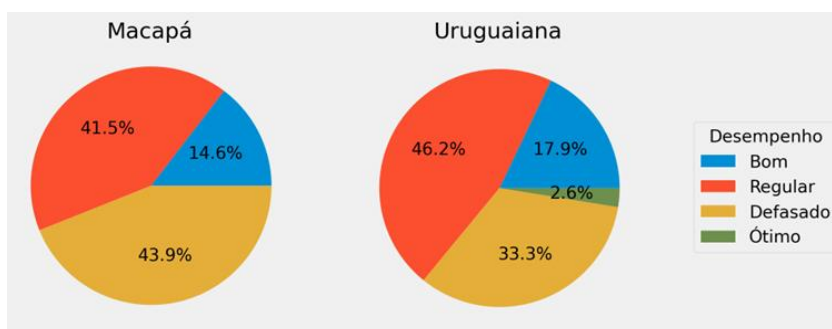
Figura 7 – Ferramentas para desenvolvimento de aulas remotas



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Apesar do resultado denominado “Regular” (**Figura 8**) se sobressair em ambos os gráficos, ressalta-se um termo que também se destacou, nomeado como: “Defasado”, visto em Macapá (43,9%) e em Uruguaiiana (33,3%). Além disso, o termo “ótimo” apareceu apenas em Uruguaiiana (2,6%), enquanto que em Macapá nenhum dos entrevistados indicou a alternativa. Isso se dá devido a diversos fatores, pontuados até aqui e recorrentes, como: a falta de recursos, acompanhamento adequado neste tipo de modalidade, falta de uma estrutura familiar e o evidente panorama pandêmico vivenciado que influenciou na saúde física e mental dos envolvidos.

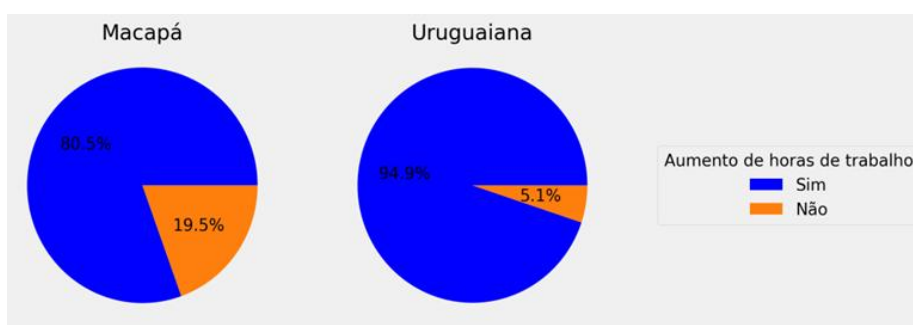
Figura 8 – Desempenho dos alunos



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Como podemos observar na **Figura 9**, o aumento de horas foi destacado em ambos os gráficos das cidades analisadas, conciliando-se com a referência trazida inicialmente, onde para Farias, Moura, Pessoa (2021, online) discutiram sobre os efeitos da crise pandêmica e sua ampliação na sobrecarga docente. Todavia, a cidade de Uruguaiiana teve maior porcentagem (94,9%) do que a cidade de Macapá (80,5%), depreende-se que seja por influência dos resultados expostos anteriormente como: mais opções de ferramentas implicam em um maior trabalho e conseqüentemente em uma acentuada sobrecarga física.

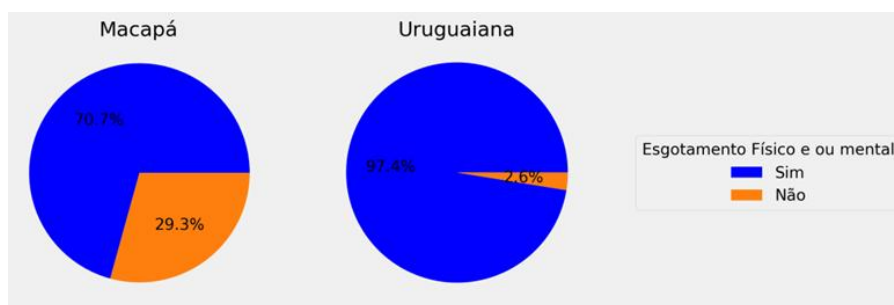
Figura 9 – Aumento das horas de trabalho no período da Pandemia



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

O novo normal com cobranças de trabalho, angústias e aflições diante da pandemia, destacaram um esgotamento físico e mental evidente na **Figura 10**, onde com (70,7%) em Macapá e (97,4%) em Uruguaiiana, a maioria dos profissionais destacaram que sentiram um sobrepeso profissional. Posto isto, podemos levantar um aspecto bastante importante das análises observadas, no qual devido Uruguaiiana possuir um suporte maior, além de orientações, tais medidas puderam contribuir com maior cansaço visto nas porcentagem, uma vez que demandou muito mais destes docentes no desenvolvimento de suas atividades com novas tecnologias.

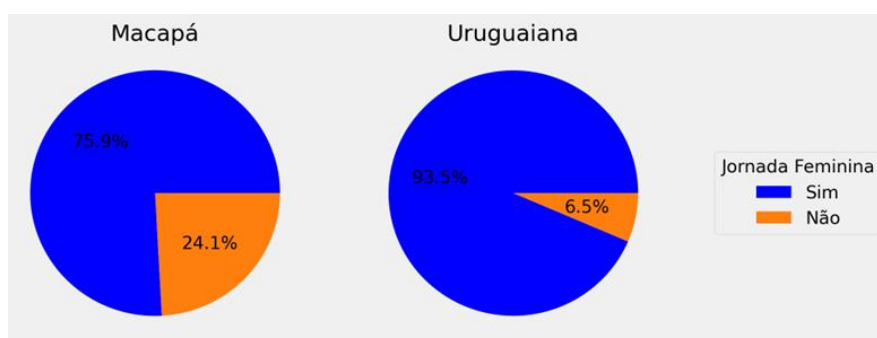
Figura 10 – Esgotamento físico e/ou mental



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Acerca da jornada feminina durante a pandemia, como representado na **Figura 11**, novamente em sua grande maioria, as entrevistadas ressaltaram que a jornada feminina cresceu muito comparada ao “antes”. Coincidindo com a referência discutida anteriormente, no qual apresentava a divisão desigual entre gêneros, tal como o processo de mulheres assumirem mais responsabilidades.

Figura 11 – Jornada diária feminina durante a pandemia



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

O método utilizado para compreender os dados qualitativos iniciais foi a Análise de conteúdo (BARDIN, 2011) sendo a primeira etapa envolvida pela pré-análise de leituras do tema investigado. Já na segunda etapa, juntamente com a exploração do material, analisou-se o conteúdo de textos usados como respostas pelos participantes da pesquisa. Como são discursos que variam de tamanho, utilizou-se a criação de categorias para resumir as informações coletadas e assim posteriormente tratar os resultados obtidos. Logo, a **Tabela 1** é dividida em categorias, como: Desafios e impactos. Apresentando assim os temas abordados mais vezes. A seguir destacamos as principais respostas preenchidas por estes:

Tabela 1 – Desafios e Impactos.

Norte - Macapá		Sul - Uruguaiana	
Desafios do Período Remoto	Falta de interação, falta de conhecimentos tecnológicos, falta de suporte.	Desafios do Período Remoto	Falta de conhecimentos tecnológicos, falta de interação, devolutiva de trabalhos.
Impactos da Pandemia na Rotina Feminina	Falta de privacidade, impactos emocionais, mais horas de trabalho.	Impactos da Pandemia na Rotina Feminina	Impactos emocionais, mais horas de trabalho, problemas pessoais, perda de privacidade.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Através do exposto, observa-se a recorrência da palavra “falta” interligada aos desafios do período remoto, essa mesma se relaciona comumente com as palavras: conhecimentos tecnológicos. Indicando uma certa carência e déficit de suporte antes e durante a pandemia. Obrigando, compulsivamente, o professor a se reinventar na fase de calamidade pública vivenciada. Acerca dos impactos na rotina feminina observa-se a relação de causalidade, onde a causa (mais horas de trabalho) acarreta em determinadas consequências citadas pelas entrevistadas (falta/perda de privacidade e impactos emocionais).

Posteriormente a Análise de Conteúdo, utilizou-se da nuvem de palavras, realizada por pacotes dentro do programa RStudio Cloud (atualizado atualmente para Posit Cloud). Com o objetivo de apresentar pontos conectados de ambos os métodos (Análise e Nuvem) citados anteriormente neste estudo.

Figura 12 – Quais foram os desafios que você enfrentou neste período de ensino remoto?



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Na **Figura 12**, nomeada como: “Quais foram os desafios que você enfrentou neste período de ensino remoto?”. Constata-se novamente a palavra falta com as suas mais variadas especificidades como: falta de recursos na estrutura, falta de equipamentos tecnológicos e falta de acessibilidade. Expondo a semelhança entre as palavras indicadas nas ferramentas utilizadas dentro desta pesquisa.

Figura 13 – Descreva os impactos da pandemia em sua rotina feminina:



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Com respeito à **Figura 13**, expressa por “Descreva os impactos da pandemia em sua rotina feminina:”. Presenciamos novamente o aluno como centralidade do processo, inferindo que os docentes preocupam-se com o papel ativo dos discentes na construção do aprendizado. Tal como, os impactos foram os mais diversos, se correlacionando a metodologia de Bardin, dentre eles: o tempo/horários, atividades/trabalho e emocional/físico.

Segundo (BOURDIEU, 2001) o capital cultural e tecnológico traria vantagens na distribuição social de poder. Neste sentido, professores e professoras atuando em escolas com maior poder aquisitivo tenderiam a apresentar vantagens em um cenário da competitividade na formação de recursos humanos. O nosso estudo, no entanto, indica que o uso de um maior número de tecnologias, portanto um maior capital tecnológico, levou a uma sobrecarga e esgotamento maior de professores e professoras de escolas de Uruguaiiana quando comparado com professores e professoras das escolas

de Macapá. Este maior capital cultural é, no entanto, observado entre os estudantes das escolas de Uruguaiana que mostram segundo os próprios docentes um melhor desempenho nessas escolas com maior acesso a material de informática.

Neste sentido o capital cultural pode ser visto como benéfico de quem o usufrui como receptor do conhecimento, mas não necessariamente como produtor deste conhecimento. Nos dois grupos, no entanto, há uma observação comum: as mulheres foram mais afetadas do que os homens no desempenho das atividades acadêmicas. Além da sobrecarga adicional de aprender novas tecnologias se viram obrigadas a assumir tarefas domésticas adicionais por conta da pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo analisamos as diferenças e semelhanças das percepções dos docentes das escolas dos municípios de Uruguaiana e Macapá. Além das desigualdades econômicas, de gênero e socioespaciais, o ensino remoto emergencial também evidenciou o acesso distinto às tecnologias, que influenciaram conseqüentemente no aumento das distâncias educacionais entre escolas estaduais e municipais. Além disso, quanto mais ferramentas tecnológicas estiverem à disposição, como o caso da cidade de Uruguaiana, mais os professores obtiveram um cansaço evidente.

Diante das questões apresentadas, políticas educacionais são fundamentais e necessárias no panorama atual, visto que se deve ter uma melhor gestão no que diz respeito ao acesso e qualidade no ensino remoto. Não só para com os professores, mas alunos e a escola como um todo. De acordo com Peroni e Lima (2020), a educação tem um papel significativo no progresso de uma sociedade mais justa e igualitária. E o que se vê não só na referência, mas está em consonância com a mesma é de que as responsabilidades que seriam função do poder público, são transferidas aos indivíduos (PERONI E LIMA, 2020). Resultando na precarização e descaso de espaços educacionais.

Percebe-se que apesar de todas as dificuldades vinculadas ao ensino remoto e a pandemia, determinados professores veem a experiência como amadurecimento e crescimento tanto pessoal como profissional, assim como estão abertos para continuar estudando nesta “reinvenção do ensinar”. Espera-se que investigações como está e novos conhecimentos em torno da temática que compreende aspectos socioeconômicos, socioespaciais e de gênero, possam contribuir para novos trabalhos, reestruturação de projetos e de novas políticas educacionais no ensino remoto para melhoria não só nas condições de trabalho desses profissionais como também de seus alunos. Nota-se que para tais avanços, o mesmo necessita de um trabalho mútuo e não somente vindo de uma única direção. É dever e obrigação de todos, lutar por uma educação de qualidade, justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, T.; DOMICIANO, C. A. *Novas formas de privatização da gestão educacional no Brasil: as corporações e o uso das plataformas digitais*. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 14, n. 30, p. 670–687, 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1223/pdf>. Acesso em: 24 abr. 2021.

ALMEIDA, E. da S.; SANSES, G. da S.; ROCHA, R. S. F. da. *Juventude: impacto da Covid-19 na educação e as estratégias para o ensino não presencial no Amapá*. Revena – Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem, v. 4, p. 74–89, 2022. Disponível em: <https://revena.emnuvens.com.br/revista/article/view/45>. Acesso em: 24 abr. 2021.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. *PNAD Contínua 2018: educação avança no país, mas desigualdades raciais e por região persistem*. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24857-pnad-continua-2018-educacao-avanca-no-pais-mas-desigualdades-raciais-e-por-regiao-persistem>. Acesso em: 2 maio 2021.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARTHOLO, T.; KOSLINSKI, M. *Impactos da pandemia na educação brasileira*. Nota Técnica, 2022. Disponível em: https://d3e.com.br/wp-content/uploads/nota_tecnica_2212_impactos_pandemia_educacao_brasileira.pdf. Acesso em: 11 abr. 2023.

BOURDIEU, P. *O capital social: notas provisórias*. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). *Escritos de educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 65–69.

EXAME. *Países com melhor educação fecharam escolas por menos tempo na pandemia*. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://exame.com/mundo/paises-com-melhor-educacao-fecharam-escolas-por-menos-tempo-na-pandemia/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

GARCIA, A. V.; YANNOULAS, S. *Educação, pobreza e desigualdade social*. Revista Em Aberto, Brasília, v. 30, n. 99, p. 21–34, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31212>. Acesso em: 5 maio 2021.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://home.ufam.edu.br/salomao/Tecnicas%20de%20Pesquisa%20em%20Economia/Textos%20de%20apoio/GIL%20Antonio%20Carlos%20-%20Como%20elaborar%20projetos%20de%20pesquisa.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

GOVERNO DO AMAPÁ. *Vacinômetro COVID-19*. 2021. Disponível em: <http://painel.corona.ap.gov.br/vacinometro/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

HUNTER, J.; DALE, D.; FIRING, E.; DROETTBOOM, M. *Matplotlib 3.5.3 documentation*. 2022. Disponível em: https://matplotlib.org/3.5.3/api/_as_gen/matplotlib.pyplot.html. Acesso em: 29 dez. 2022.

IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/uruguaiana/panorama>. Acesso em: 27 nov. 2021.

IBGE. *Censo Demográfico 2010: densidade demográfica*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/macapa/panorama>. Acesso em: 27 nov. 2021.

IBGE. *Estimativas da população residente*. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/macapa/panorama>. Acesso em: 27 nov. 2021.

IBGE. *Estimativas da população residente*. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/uruguaiana/panorama>. Acesso em: 27 nov. 2021.

IGMA – ÍNDICE DE GESTÃO MUNICIPAL AQUILA. *Comparar cidades e indicadores*. 2022. Disponível em: https://igma.aquila.com.br/home/comparative_cities. Acesso em: 10 fev. 2023.

LIMA, V. P.; PERONI, M. V. *Políticas conservadoras e gerencialismo*. Revista [informar nome do periódico], Ponta Grossa, v. 15, p. 1–20, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342584222_Políticas_conservadoras_e_gerencialismo. Acesso em: 24 abr. 2021.

MAUÉS, O. C. *Ensino superior na ótica dos organismos internacionais*. Educar em Revista, Curitiba, v. 35, n. 75, p. 13–30, maio/jun. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/brh7pvD7XZdpX7JR7VHzjbw/>. Acesso em: 5 maio 2021.

MATPLOTLIB. *Visualization with Python*. 2023. Disponível em: <https://matplotlib.org/>. Acesso em: 4 jan. 2023.

MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/748>. Acesso em: 24 abr. 2021.

MOREIRA, A.; SANTOS, R. *Educação do campo em tempos de pandemia no município de Riacho de Santana*. Roteiro, v. 47, p. e27913, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/27913>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MORAES, C. *Mulheres têm maior participação em pesquisas apoiadas pela FAPEMA*. FAPEMA, 2020. Disponível em: <https://www.fapema.br/mulheres-tem-maior-participacao-em-pesquisas-apoiadas-pela-fapema/>. Acesso em: 9 nov. 2022.

PAIVA, T. *A escola brasileira e as desigualdades conforme o território*. Educação Integral, 2018.

Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/a-escola-brasileira-e-as-desigualdades-conforme-territorio/>. Acesso em: 5 maio 2021.

PESSOA, A.; MOURA, M.; FARIAS, I. *A composição do tempo social de mulheres professoras durante a pandemia*. LICERE – Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 161–194, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/29532>. Acesso em: 2 maio 2021.

PIRES GARCIA, K. S.; FERREIRA DA SILVA, F. *A pandemia na educação: vivências de professores da educação básica de Uruguaiana*. Revista Educar Mais, v. 6, p. 1059–1077, 2022.

DOI: <https://doi.org/10.15536/reducarmais.6.2022.2939>.

PONTES, F.; ROSTAS, M. *Precarização do trabalho docente e adoecimento: COVID-19 e as transformações no mundo do trabalho*. Revista Thema, v. 18, número especial, p. 278–300, 2020.

Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1923>. Acesso em: 5 maio 2021.

POSIT CLOUD. *Your workspace*. 2022. Disponível em: <https://posit.cloud/>. Acesso em: 27 dez. 2022.

PREFEITURA DE URUGUAIANA. *Vacinômetro COVID-19*. 2021. Disponível em:

<https://www.uruguaiana.rs.gov.br/pagina/view/65/vacinometro-covid>. Acesso em: 30 nov. 2021.

QEDU. *Use dados. Transforme a educação*. 2021. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/>. Acesso em: 3 dez. 2021.

QEDU. *Use dados. Transforme a educação*. 2023. Disponível em: <http://cdn.novo.qedu.org.br/>. Acesso em: 20 out. 2022.

RELATÓRIO TÉCNICO. *Trabalho docente em tempos de pandemia*. Brasília: CNTE, 2020.

Disponível em:

https://cnte.org.br/images/stories/2020/cnte_relatorio_da_pesquisa_covid_gestado_julho2020.pdf.

Acesso em: 20 jun. 2021.

RODRIGUES, A. M. A. R.; SOUSA, D. M.; SANTOS, L. R. S.; MOREIRA, M. L. S.;

FIGUEIREDO, N. C. A. da C. *A pandemia de 2020, no estado do Amapá, Alagoas e Tocantins:*

desafios e aprendizados no ensino remoto. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 7, n. 4, p.

36440–36460, 2021. Disponível em:

<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/27906/22087>. Acesso em: 20

jun. 2021.

SILVA, F. *Desigualdade Social no Brasil*. v. 8, n. 8, 2012. Disponível em:

<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/3646#:~:text=No%20Brasil%20C%20desde%20seu%20descobrimento,quase%20irremedi%C3%A1vel%20nos%20dias%20atuais>.

Acesso em: 2 maio 2021.

SILVA, V. *A Covid-19 e a reprodução das desigualdades escolares: Um estudo sobre acesso digital na Educação Básica*. Humanidade e Inovação, 2021. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4302>. Acesso em: 8 abr.

2023.

VIEIRA, L.; RICCI, M. *A Educação em tempos de Pandemia: Soluções emergenciais pelo mundo*.

OEMESC, Observatório do Ensino Médio em Santa Catarina, 2020. Disponível em:

https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/7432/EDITORIAL_DE_ABRIL_Let_cia_Vieira_e_Maike_Ricci_final_15882101662453_7432.pdf. Acesso em: 10 abr. 2023.